

OS DILEMAS DA CRIAÇÃO: AS AMBIGUIDADES DOS RELACIONAMENTOS ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS EM DOIS MUNICÍPIOS MINEIROS

Carmen Andriolli*
Luzimar Paulo Pereira**

RESUMO

A circulação de animais por sítios, fazendas, estradas, cerrados, veredas, várzeas e rios é um importante tópico da vida cotidiana dos moradores das áreas rurais dos municípios de Urucuia e Chapada Gaúcha, localizados nos limites das regiões norte e noroeste de Minas Gerais. Tema de conversações e foco de algumas das principais preocupações dos seus habitantes, os deslocamentos – que podem ser resultados de desígnios humanos ou frutos das intenções dos próprios bichos – dão contornos específicos às noções de criação e mexer com criação, definidas através da relação entre alguns seres da natureza que vivem sob os cuidados dos humanos e as formas de se lidar com eles. Por meio de material etnográfico recolhido ao longo de viagens de campo realizadas entre os anos de 2007 e 2014, pretendemos descrever e analisar as maneiras pelas quais o movimento dos animais é percebido e entendido pelos seus donos e demais moradores. Em especial, tentamos compreender o papel que a circulação desempenha na constituição das relações entre humanos e bichos. O eixo descritivo deste texto será construído através do inventário dos saberes e práticas associados à atividade do criatório, expressos no trabalho dos criadores e nos relacionamentos cotidianos estabelecidos entre humanos e não humanos. A este material serão somadas narrativas recolhidas junto a interlocutores selecionados.

Palavras-chave: Campesinato. Relações entre humanos e não humanos. Movimento.

Los dilemas de la cria de animales: las ambigüedades de las relaciones entre los seres humanos y no humanos en dos ciudades mineras

RESUMEN

La circulación de los animales en los ranchos, granjas, carreteras, sabanas, veredas, prados y ríos es un tema importante de la vida cotidiana de los residentes de las zonas rurales de los municipios de Urucuia y Chapada Gaúcha, situados en los límites del norte y noroeste de Minas Gerais. Tema de conversaciones y el enfoque de algunas de las principales preocupaciones de su población, los desplazamientos - que puede ser el resultado de designios humanos o frutos de las intenciones de los animales propios - dan contornos específicos a las ideas de cría de animales, que se define por la relación entre algunos seres de la naturaleza que viven bajo el cuidado humano y las formas de lidiar con ellos. A través de material etnográfico recogido durante visitas de campo realizadas entre los años 2007 y 2014, se pretende describir y analizar las maneras por las cuales el movimiento de los animales es percibido y comprendido por sus dueños y otros residentes. En particular, tratamos de entender el papel que la circulación juega en la formación de las relaciones entre los seres humanos y los animales. El eje descriptivo de este texto se construirá a través del inventario de saberes y prácticas asociadas con la actividad de cría, expresada en el trabajo de los creadores y en las relaciones cotidianas que se establecen entre humanos y no humanos. A este material se añadirán relatos recogidos de interlocutores seleccionados.

Palabras clave: Campesinado. Relación entre el ser humano y no humano. Movimiento.

The dilemmas of animal breeding: the ambiguities of the relationships between human and non-human in two Minas Gerais municipalities

* Professora e pesquisadora do CPDA/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: carmen.andriolli@gmail.com

** Professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Antropologia Cultural) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: mazinhop@gmail.com

Abstract

The circulation of animals through crofts, farms, roads, savannas, veredas, meadows and rivers is an important topic of everyday life for the residents of the rural areas of the municipalities of Urucuia and Chapada Gaúcha, located in the limits of the north and northwestern regions of the state of Minas Gerais. A subject of conversations and focus of some of the main concerns of its inhabitants, the displacements - which may be the result of human designs or of the intentions of the animals themselves - give specific contours to the notions of animal breeding, defined by the relation between some beings which live under the care of humans and the ways of dealing with them. Through ethnographic material collected during field work conducted between 2007 and 2014, we intend to describe and analyze the ways in which the movement of animals is perceived and understood by its owners and other residents. In particular, we try to understand the role that circulation plays in the constitution of relationships between humans and animals. The descriptive axis of this text will be constructed through the inventory of knowledge and practices associated with the activity of breeding, expressed in the work of the breeders and in the daily relationships established between human and nonhuman. To this material will be added narratives from selected interlocutors.

Keywords: Peasantry; human and non-human relationships; movement.

BICHO DO MATO, BICHO DE CRIAÇÃO

Nas zonas rurais dos municípios de Urucuia e Chapada Gaúcha, os animais de criação desempenham um papel central nos processos de construção, manutenção e mesmo eventual destruição de propriedades rurais. Posicionados numa intersecção móvel no interior de uma série que opõe noções nativas de natureza e cultura, os seres não humanos domesticados relacionam-se com os seres humanos como co-autores dos lugares da vida rural. A parceria entre humanos e bichos – que, em certo sentido, podem ser definidos como *companion species*, no sentido de Donna Haraway (2003) – compõe, ela mesma, uma unidade que se relaciona com outras pessoas e outros animais, sejam eles domésticos ou selvagens (cobras, escorpiões, onças...). Não se trata, em absoluto, de considerarmos, portanto, as criações como meros recursos econômicos sob o controle dos seus donos. No mundo rural dos dois municípios do norte e noroeste mineiro, os animais têm intenções e agências.

No entanto, ainda que agentes ativos dos processos de produção dos espaços de vida, ainda que possam manter relações verdadeiramente intersubjetivas com os humanos, os seres não humanos de criação nunca deixam de ser posicionados, em determinadas situações, como objetos de posse de alguém ou de uma família, que detém poder absoluto sobre sua vida e morte. A ambiguidade é uma marca fundamental das relações entre humanos e bichos nas zonas rurais

de Urucuia e Chapada Gaúcha. Em nenhum outro lugar, ela aparece com mais clareza do que nos modos pelos quais seus deslocamentos são vistos e entendidos pelos humanos.

Em Chapada Gaúcha, assim como em Urucuia, os animais são classificados segundo um sistema que distingue seres não humanos que podem ser domesticados daqueles que não podem. O vaqueiro Samu, que possui uma propriedade na área configurada como Parque Nacional Grande Sertão Veredas¹, explicou certa vez como tentou adotar uma perdiz para transformá-la em animal de criação. Samu pegou os ovos e deixou para a galinha chocar. – “Quando os pintos endureceram, sumiram. Se soubesse que iam sumir teria pelo menos comido eles. Perdiz é bicho que não amansa...”, explicou Samu. Sua ideia era criá-lo para render (ANDRIOLLI, 2011: 119).

Os bichos do mato – como a perdiz – não possuiriam predisposições para viver com os humanos. Segundo o ponto de vista dos moradores, a distinção entre o animal selvagem e o doméstico estaria relacionada a uma suposta diferença entre suas respectivas naturezas: o bicho do mato, diferentemente do bicho de criação, não existe para servir ao controle dos humanos. Assim como é da natureza da galinha habitar o terreiro de um sítio, ser alimentada e protegida pelos seres humanos, faz parte da natureza da perdiz viver no mato, alheia aos cuidados humanos. No entanto, há animais, como os bovinos e equinos, que têm natureza ambígua.

¹ Para uma discussão sobre a expropriação de camponeses com a implementação de unidades de conservação da natureza como parques, ver ANDRIOLLI, 2011 e 2014.

Por um lado, esses podem ser amansados pelos humanos, viver em espaços compartilhados por ambos e, com isso, transformados em parceiros de trabalho e amigos. Por outro, quando deixam de compartilhar os espaços habitados ou construídos pelos humanos, passando a viver libertos no carrasco, distantes, porque muitas vezes perdidos, da companhia de seus donos, se transformam em bichos brutos, tornando-se marruá, no caso do boi, e xucro, no caso do cavalo. Esse fato não torna, todavia, sua natureza imutável. Quando seus donos os encontram, se bons de laço e caçada, podem amansá-los novamente.

Entretanto, a vida descolada dos lugares de habitação humana não implica desterritorialização, seja por parte do bicho do mato, seja por parte do bicho de criação. Qualquer habitante das áreas rurais de Urucuaia e Chapada Gaúcha sabe dizer, com relativa precisão, quais regiões servem de morada a determinados animais selvagens e para os de criação que, muitas vezes, vivem para além dos espaços construídos por seus donos. Em Chapada Gaúcha, o vaqueiro Raimundo, em diálogo com o vaqueiro Samu, vez ou outra expressava suas observações sobre as moradas dos bichos.

“Falam que onça come cachorro, come gente, animal. Onça vem de tudo esses mundos de Goiás; gruna, boqueirão é onde onça fica. Onça andou umas três vezes na passagem de Samu. Só não passou pelo movimento do cachorro. Por aqui só tem a onça vermelha [suçarana]². No [córrego] Cana Brava tem da preta.” Samu, com a fala mansa, confirma que por ali só tem a onça vermelha, mas replica o dito por Raimundo. Diz que ano retrasado uma onça comeu 22 bezerros do seu rebanho, fato que o fez levar os demais bezerros para a Fazenda Perpétua no Rio Carinhanha. —“Daí ela [onça]

saiu e deu notícia ‘tá comendo no Rio do Ouro’. Ela é conhecida porque ela faltava um dedo”. (ANDRIOLLI, 2011: 75).

Não obstante invadam diversas vezes espaços ocupados pelos seres humanos (pastos, currais), onde, por vezes, são afugentadas por cães ou bois, as onças, como todos os bichos do mato, possuem suas moradas. Nada mais distante da visão dos pequenos criadores e agricultores de Urucuaia e Chapada Gaúcha do que uma concepção da vida selvagem marcada pela liberdade e errância total de movimentos³. As onças, as queixadas, os veados, as cobras, as capivaras, os tatus, entre outros seres não humanos do mato também são habitantes do mundo e possuem seus próprios territórios de morada. No limite, a vida nas zonas rurais e urbanas da região depende dos conhecimentos observados ou aprendidos a respeito dos lugares onde vivem ou provavelmente podem viver certos animais selvagens. As caçadas e pescarias, os cuidados com a segurança pessoal, familiar e dos rebanhos, as viagens prolongadas, os banhos, todas estas atividades eminentemente humanas dependem muitas vezes desse tipo de conhecimento. Para citarmos dois exemplos: a vereda abaixo da casa de Samu – a vereda do Barbatimão – é, na seca, o lugar de morada de certa sucruí⁴. Durante as águas, com a correnteza remexendo a calmaria da vereda, a sucruí muda de morada. Com esta ciência, no tempo da seca o vaqueiro Samu avisa seus visitantes para ficarem atentos durante o banho na vereda. A onça, por sua vez, habita, como já vimos nas falas de Raimundo e Samu, uma área maior. Aquela que mora no córrego Cana Brava já deu sinal lá no Rio do Ouro. Samu a conhece e sabe que sua morada é ampla porque viu o rastro da bicha em um e outro local.

Ao contrário dos animais selvagens, os bichos de criação são aqueles que vivem, em

² Nomeiam de suçarana, suçarana vermelha, onça vermelha, onça melada ou onça parda o felino *Puma concolor*.

³ Para Jean Baudrillard, a imagem dos animais, dos selvagens e dos animais selvagens como livres e errantes está ancorada numa imagem moderna e ocidental da “natureza” como o espelho invertido da liberdade que gostamos de atribuir ao capital. Escreve o autor: “Ora a natureza livre, virgem, sem limite nem território, onde cada um deambula à sua vontade, nunca existiu, a não ser no imaginário da ordem dominante, da qual é o espelho equivalente. Nós projectamos como selvajaria ideal (natureza, desejo, animalidade, rizoma...) o próprio esquema de desterritorialização que é o do domínio econômico e do capital. A liberdade não está em lado nenhum a não ser no capital, foi ele quem a produziu, foi ele que a aprofundou” (BAUDRILLARD, 1981, p. 171).

⁴ Como nomeiam a cobra sucruí (*Eunectes murinus*)

geral, sua vida cotidiana ao lado dos humanos, permanecendo nas redondezas de suas moradias. Os seres não humanos domesticados da vida rural de Urucuia e Chapada Gaúcha se dividem entre os da casa, os de terreiro e os de curral ou pasto. Os animais de terreiro vivem nas imediações próximas das residências, no entorno imediato das moradias, enquanto os bichos do pasto habitam preferencialmente espaços abertos ou cercados mais distantes. Entre eles, ocupando certa posição liminar, os animais genericamente intitulados bichos da casa parecem – assim como os humanos – gozar de maior liberdade de locomoção. Logo abaixo, apresentamos sinteticamente cada um destes três conjuntos.

1- Bichos de terreiro: As aves de terreiro são as mais comuns das criações encontradas próximas das casas. Como regra geral, estes animais ficam soltos. Não há, em Urucuia e em Chapada Gaúcha, muitos produtores que se dedicam a construir e manter galinheiros em suas propriedades. As aves permanecem nos terreiros durante o dia, recolhendo-se, à noite, nos galhos altos das árvores do quintal. Galos, galinhas, cocás (galinhas da angola), perus e patos são criados para se reverterem em fonte de alimento para as famílias ou em rendimentos financeiros para as mulheres, as principais responsáveis pelo criatório. A produção de porcos também obedece ao mesmo sistema. Soltos, estes animais raramente são confinados em chiqueiros e podem ser encontrados circulando pelos terreiros da propriedade rural. Criados em número variável, os suínos são engordados, vendidos ou abatidos em prol do consumo familiar. As obrigações para com sua criação se dividem entre homens e mulheres.

2- Bichos de curral ou pasto: O criatório também conta com a presença maciça de

cavalos, éguas, mulas, burros, bois, vacas, bezerros e novilhos. Em princípio, os animais compartilham entre si os espaços cercados da propriedade rural. Nos pastos ou mangueiras⁵, eles se alimentam de capim plantado⁸, além de receberem, nos currais, água e complemento à base de ração e sal. Os cavalos, além das éguas, mulas e burros são criados para montaria ou tração de charretes. Como parceiros ou amigos do trabalhador rural, eles são muito admirados e queridos, caso sejam reconhecidos como bons de serviço ou montaria. O gado, por sua vez, é criado para servir de alimento⁶ ou garantir rendimento em dinheiro quando vendidos como carne ou, se bezerros, como futuros reprodutores de outros criadores. Alguns podem se transformar em animais de tração, puxando carros de boi e categorizados como bois de carro ou bois carreiro. Nesta condição, eles são admirados pela força e obediência no desempenho do seu trabalho.

3- Bichos da casa: Entre os animais de terreiro e de pasto, há ainda um conjunto de bichos que circula com mais desenvoltura por diversos locais: cães, gatos e papagaios. Em princípio da casa, tais animais, que estariam mais próximos dos bichos de estimação do que bichos de criação, também dependem, para sua existência, de uma proximidade junto aos seres humanos. Sua relação com os humanos não parece depender da utilidade econômica ou alimentar. Tampouco são criados necessariamente como alvo privilegiado do afeto de seus donos. Cães e gatos desempenham muitas vezes papéis na proteção das residências contra eventuais invasores, sejam eles humanos ou não humanos (onças, cobras, ratos e outros bichos considerados perigosos ou sujos). Os cães, em particular, são parceiros dos meninos e homens adultos nas atividades de caça. Além disso, estão presentes nos trabalhos dos

⁵ Área de pasto cercada, de propriedade individual e que fica distante da casa. Seu tamanho varia de acordo com o tamanho da propriedade. A propriedade de Samu, por exemplo, possui 75 ha e nela contém uma mangueira de 20 ha. Em outros lugares do noroeste de Minas Gerais as mangueiras são nomeadas largas.

⁶ Em geral, capim braquiária (*Brachiária decumbens*)

⁷ Leite e derivados. Raramente ou apenas em festas matam um gado para comer sua carne. Preferem vendê-la. As proteínas mais consumidas pelos habitantes das áreas rurais de Urucuia e Chapada Gaúcha advêm da carne de aves, porcos, ovos e da caça.

⁸ Uma discussão sobre a hierarquia existente entre os não humanos foi desenvolvida por Andriolli, 2011.

roçados e no trato com o rebanho bovino. Cães considerados bons, valentes ou inteligentes são louvados por seus donos. Ao lado das aves e dos porcos, esses animais são alimentados pelos seres humanos com rações preparadas, mas, via de regra, recebem restos que lhes são oferecidos após as refeições familiares. Cães, gatos e papagaios são nomeados, assim como os bovinos e eqüinos. Diferem-se, portanto, das galinhas e outras aves, porcos e cabritos que não possuem nomes, revelando uma hierarquia existente entre os não humanos⁸.

O conteúdo dessa classificação, no entanto, é desestabilizado tanto pelos deslocamentos sentidos como necessários pelos bichos diante de alterações climáticas, que são observados e respeitados pelos humanos, quanto por necessidades impostas aos humanos, como a falta de pasto na propriedade. Ou ainda, seja por modos de operar na pecuária tradicional, como, por exemplo, o uso de áreas comuns para o criatório extensivo de gado ou por relações de afeto que passam a existir entre bichos e os humanos.

O gado, por exemplo, além de criado em pastos ou mangueiras é também criado na solta⁹, batendo mais nas beiras de rios e veredas, e nos largos (grandes extensões de cerrado) onde se alimenta de frutas e ramos. Dito de outra forma, em Chapada Gaúcha, na área do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, o rumo do gado, após se ver livre do curral, é determinado pela própria ecologia do cerrado. No tempo das águas, o gado, após ser solto do curral por seu dono, segue para o carrasco, porque é local com muito pau de ramo, isto é, comida que gado gosta. Paus de ramo são: angelim, pau d'arco, barbatimão, tiborna¹⁰. No tempo das águas, para além de seguirem para o carrasco, o gado beira também a casa de Samu, por não encontrar lugar para adentrar as encharcadas vargens. Por outro lado: —“No correr da seca, gado esparrama pelas vargens porque é lugar fresco!” — explicou Samu. O cocho, por sua vez, empretece de pomba verdadeira caçando água com sal para beber. Da

mesma forma, a ecologia do bioma mostra ao vaqueiro Samu que o gado rende mais leite no tempo das águas e que vai melhor em capim de vargem, isto é, em capim que não dá no carrasco. Nas vargens, gado pare de ano em ano. No carrasco, pare um ano e falha dois. No entanto, a mobilidade do gado pelo cerrado seja no tempo da seca, seja no tempo das águas não indica desterritorialização. Como afirmava Samu: “gado é quase que nem gente mesmo. Tem a maloca deles. Bate num logradouro só” (ANDRIOLLI, 2011, p. 167-169).

No que tange à sua função social, o gado, seja como bois carreiro, seja como bois leiteiro se transforma, muitas vezes, em parte da família, como filho ou como o velho que precisa de cuidado. Os primeiros podem acompanhar seus donos por 15 anos ou mais, sendo objetos de herança. Os segundos também passam anos de suas vidas com a mesma família. Ambos recebem nomes, que remetem tanto a bichos do mato ou seres celestiais quanto às especificidades corpóreas. Reportam-se, ainda, às homologias entre humanos e não-humanos. Por exemplo, há a Raposinha, a Mocinha, a Olho Preto, o Touro Azulão, o curraleiro Velho (ANDRIOLLI, 2011, p. 146).

O gado, como parte da família, recebe, sobretudo, atenção especial às suas necessidades individuais. Samu, por exemplo, reconhece pelo esturro o que querem seus bois carreiro. — “Aôô curraleiro Velho! Vontade de ir pro carro ou de sair do curral e cascar o mundo!” Como forma de consolo ao que expressara os bois carreiro por meio do profundo esturro, o vaqueiro, todavia lhes explicara: — “Zeção amanhã precisa d'ocês para ir pro Formoso!” Jardim e Chatim, os bois carreiro, silenciaram diante da explicação do vaqueiro (ANDRIOLLI, 2011, p. 148). Essa cumplicidade entre humano e não humano não implica, no entanto, ausência de violência se não houver obediência por parte do não humano na ordem determinada pelo seu dono, como o leitor verá adiante.

Vimos que o que distingue os chamados bichos de criação e os bichos do mato não seria,

⁹ Áreas de uso comum formadas por largas extensões de cerrados, vargens e veredas e não cercadas. Para uma discussão sobre áreas de uso comum no cerrado, ver ANDRIOLLI, 2011.

¹⁰ Angelim: *Vatairea macrocarpa*; Pau d'arco: *Tabebuia avellanadae*, *Tabebuia heptaphylla*, *Tabebuia ochracea*, *Tabebuia roseo-alba*, *Tabebuia serratifolia*; Barbatimão: *Stryphnodendron adstringens*; Tiborna: *Himatanthus obovatus*

portanto, uma suposta imobilidade dos primeiros em oposição ao caráter permanentemente móvel dos segundos. Nem os segundos deixam de ter seus territórios de morada, nem os primeiros deixam de circular. Cavalos, jumentos, bois, vacas, cães, gatos, papagaios, porcos, galos, galinhas, patos, cabritos entre outros animais também estão em constante movimentação. A circulação dos bichos domésticos, entretanto, parece obedecer, mais especificamente, os limites dos territórios controlados pelos humanos. Se os bichos selvagens estão associados aos rios e às matas mais ou menos distantes, locais onde os humanos passam mas nunca ficam, os seres não humanos domesticados são, por princípio, habitantes das casas, sítios e fazendas¹¹. Ainda que alguns deles circulem por lugares que são interditos ou contrários à presença dos humanos, os bichos de criação permanecem sob a influência dos espaços socializados na forma de currais, pastos, mangueiros, soltas e terreiros. As cercas que delimitam currais, mangueiros e propriedades, as porteiras que recortam estradas e caminhos, assim como valas, mata-burros, cochos entre outras construções, indicam uma forma de ocupação humana preocupada em controlar o movimento dos animais. Mesmo os bichos de criação que se movimentam relativamente livres por entre diversos lugares – como é o caso do gado criado na solta – sempre voltam ou são recolhidos para os territórios habitados pelos seus donos.

VIVENDO JUNTO

Num fim de tarde de março de 2013, um dos autores deste artigo foi ao Ribeirão de Areia, município de Urucuaia, visitar o casal de pequenos agricultores e criadores de gado, Bide e Petu. O marido havia saído rapidamente para recolher o gado para o curral, enquanto a esposa permaneceu conversando com o pesquisador na sala da casa. A mulher, depois de certo tempo, seguiu em direção ao quarto de costura para terminar uma atividade. Logo que adentrou ao

recinto, gritou: “Mazinho, tem uma cobra!” Bide estava longe, mas ouviu o chamado da esposa. Enquanto isso, o pesquisador mesmo foi atender o pedido da mulher. Logo que chegou à entrada do quarto, ela o avisou que a cobra estava atrás da porta. Rapidamente, o pesquisador pode ver a bicha enrolada. Neste meio tempo, Bide chegou, ouviu a mulher repetir a informação e saiu para buscar um grande pedaço de pau que deixava encostado na parede de outro cômodo.

Em meio aos pedidos de cuidado feitos pela mulher, Bide adentrou lentamente ao recinto para poder enxergar o animal. Do lado de fora, o pesquisador ouviu dois baques surdos quando a cobra desferiu dois botes que acertaram a porta. Com o pedaço de pau, o marido conseguiu arrastar o animal para o corredor, para logo em seguida desferir dois golpes na sua cabeça. A cobra ainda se mexia quando o matador identificava sua raça (jararaquinha, venenosa). Bide ainda acertou mais duas ou três pauladas para terminar o serviço. Tão logo ele a reconheceu morta, usando o mesmo pau, levou a cobra para pendurá-la na cerca de arame que circundava sua casa. Diante da curiosidade do pesquisador, Bide explicou: “deixo aqui porque os bichos pegam ela”. Os gaviões e outras aves provavelmente se alimentariam da cobra.

O caso foi tratado com certa naturalidade pelo casal. Depois do ocorrido, Bide e Petu relembrou outros incidentes envolvendo cobras no interior da casa. No outro dia, já na cidade, o pesquisador comentou o fato com alguns conhecidos e amigos. Um dos seus interlocutores, franzindo a testa, comentou: “Bide e Petu não tinham galinhas no terreiro, não?” Não, eles não tinham. Dona Petu, a responsável pela criação, preferia deixar as aves no galinheiro, onde permaneceriam a salvo dos predadores. “Ah, então tá explicado”, dizia o informante. As aves de terreiro são vistas e entendidas não apenas como fonte potencial de dinheiro e alimento, mas também como garantia de salvaguarda da residência contra a invasão de

¹¹ Os seres não humanos domesticados também se distinguem de outros seres que habitam as residências ou que vivem sob sua influência constante, mas que não são considerados posses de seus donos: insetos, aracnídeos, pequenos roedores, pássaros etc. Ali, eles são como parasitas fisiológicos ou econômicos, que vivem de “roubar” a saúde ou os mantimentos das pessoas, ou como presenças inevitáveis, sem no entanto causarem qualquer tipo de risco ou prejuízo aos moradores. Outras vezes são considerados vizinhos, como abordaremos na seção seguinte.

animais peçonhentos.

A circulação dos animais restrita aos limites do terreiro implica uma forma de cercamento vivo que impede a entrada ou afasta bichos tidos como ameaçadores. Embora tentem, as galinhas são enxotadas todas as vezes que pretendem entrar na casa das pessoas; por outro lado, elas pouco se arriscam para além dos limites das capoeiras que cercam o centro da propriedade. Mas não apenas as galinhas produzem um cercamento vivo. Os cães, em especial, também desempenham papéis correlatos. Além de companhias inseparáveis na mata ou no pasto durante caçadas ou na lida com o gado, os animais, na casa, também são tidos como boas defesas contra perigos humanos e não humanos (onças, lobos, raposas), ora barulhando para alertar a chegada dos estranhos, ora avançando sobre eles. Dos bichos tidos como da casa, até o papagaio pode servir como guarda de fronteiras. Em Urucuia, dona Vicentina ria quando se lembrava da ave da sua família que, ao perceber a chegada de estranhos (humanos ou não humanos) na propriedade voava gritando para os cachorros: “pega!, pega!”

Outros animais criados pelos humanos também cumprem papel semelhante. No município de Chapada Gaúcha, vizinho a Urucuia, o vaqueiro Samu gostava de contar uma história do tempo em que havia muito gado criado solto nos cerrados da região. O relato destacava a predisposição do marruá (boi macho, reprodutor e bravio, porque criado na solta, isto é, fora do curral) para a proteção do território habitado pelo rebanho contra os ataques dos animais selvagens.

O vaqueiro recordava que de primeiro a onça não pegava gado no curral porque o marruá o protegia. “Só não fazia mais destreza com medo do chão afundar” - referia-se Samu ao marruá. Marruá rodeava o curral a noite toda, rodeava com intenção de proteger, esturrado, e a onça, com isso, não se aproximava (ANDRIOLLI, 2011: 77).

Além da circulação dos animais nos limites do terreiro implicar em uma forma de cercamento vivo que impede a entrada ou afasta bichos tidos como ameaçadores, ela produz relações de afeto e de desafeto entre humanos e não humanos no viver junto e, por conseguinte, tenciona a divisão

espacial estabelecida pelos humanos. Como exemplo, temos a galinha-do-bico-quebrado, a cabrita atentada, as abelhas vizinhas e a coruja.

O vaqueiro Samu e dona Ló, sua esposa, criavam com esmero a galinha-de-bico-quebrado e a cabrita atentada. A primeira sofreu um ataque de um gavião. Sobreviveu, mas ficou com apenas metade de seu bico. A noite dormia com as demais galinhas no galinheiro. Durante o dia, ficava solta pelo terreiro, circulando de lá para cá, e recebia cuidados especiais. Enquanto as demais aves ficavam esparramadas pelo terreiro caçando o de-comer, muito embora tentassem a todo momento adentrar a casa, sobretudo a subir no fogão à lenha, a galinha-do-bico-quebrado estava, a todo momento, na varanda e entorno da casa, aguardando que o vaqueiro lhe trouxesse o de-comer. Sua alimentação era diferenciada. Recebia um mingau de farelo de milho em um prato na soleira da porta da casa, diferentemente das demais aves, que pela manhã e ao entardecer recebiam milho e farelo de milho que eram jogados por Samu ou dona Ló no terreiro.

A segunda, a cabrita atentada, foi enjeitada pela mãe. Com isso, a filha de Samu a adotou, criando-a quando filhote na mamadeira. No entanto, a moça precisou deixar a terra do pai em busca de emprego na cidade. A cabrita atentada já estava adulta, mas, a despeito da partida de sua mãe adotiva, permaneceu vivendo na casa do vaqueiro. —“Xôô atentada! Vai caçar o de-comer!”, era a forma como o vaqueiro se dirigia à cabrita e, com a vassoura, a enxotava da varanda da casa. O vaqueiro retornava para riba do barril d’água onde estava sentado, quedava-se por ali durante alguns instantes, levantava-se, seguia até a despensa e de lá voltava com uma bacia. Colocava-a na soleira da varanda e para a cabrita dizia: —“Não come tudo porque não tem mais!” Após alguns minutos, Samu retirava a bacia e: —“Acabou! Essa foi tratada na ração com medo que fugisse. Hoje está lerda! É que ela não sai para caçar comida. Fica esperando a gente dar. É atentada! Levo ela no rio para beber água. Quando vê ela já está de volta. Vai beber água aí nos latões.” — explicava Samu (ANDRIOLLI, 2011).

A atenção consedida pelo vaqueiro à criação que vivia no terreiro mostrava-se específica, isto é, norteada de acordo com as características

de cada não humano. Criava relações de afeto, que não são traduzidas em palavras ou atitudes gentis, mas sim pelo cuidado individualizado que Samu proferia a certos seres não humanos. Essa relação de afeto criava, por conseguinte, relações de parentesco. Dito de outro modo, a troca estabelecida entre Samu e sua criação fazia daqueles não humanos seres sociais, individualizados, que demandavam cuidados especiais. Por outro lado, imprimia valor à vida em família, pelo trabalho de mexer com criação ser realizado pelo grupo doméstico. Na esteira dessa relação, os não humanos eram transformados em membros da família, em filhos, e aqui uma nova acepção para o mexer com criação era revelada. — “Tanto filhos para comer e ajudar nada! Não trabalha, tem que comer é pouco.” — proferiu Samu certa vez após alimentar a galinhada que piava na varanda. Neste sentido, o valor social da criação se reforçava da mesma forma como apresentava o vínculo estreito, afetivo muitas vezes, entre vaqueiro e criação, que descortinava não humanos e vaqueiro como partes de um mesmo todo (ANDRIOLLI, 2011).

A circulação de não humanos nos limites do terreiro implicava, como dissemos, em uma forma de cercamento vivo que impedia a entrada ou afastava bichos tidos como ameaçadores. Além disso, produzia relações de afeto, como a que explicitamos anteriormente. Outra relação que poderíamos indicar como da ordem do afeto criada pela circulação de não humanos nos limites do terreiro era a de vizinhança. Essa, por sua vez, redefinia o espaço vivido por humanos e não humanos.

O vaqueiro Samu tinha como vizinhas as abelhas que moravam sob a sombra das piúnas que se localizavam a frente da casa do vaqueiro. O espaço fazia parte do terreiro, onde circulavam vaqueiro e outros humanos, galinhas, cachorros, cabritos, porcos, animais de montaria e bois carreiros, e era dividido com as abelhas. O vaqueiro e as abelhas redefiniram o espaço no momento em que essas criaram outro tipo de cercamento vivo. Samu colocou pedras ao redor da casa de suas vizinhas, que, no chão, construíram sua colméia. Com o muro de pedras, o vaqueiro

não tinha a intenção de limitar o movimento das abelhas, mas proteger suas vizinhas do pisoteio dos humanos e dos demais não humanos que pelo terreiro circulavam. Era um trabalho diário. Fazia parte da rotina do vaqueiro ir ver como estavam suas vizinhas. — “Nas primeiras águas as abelhas vizinhas dão mel”, explicava o vaqueiro. Ajeitava uma pedra aqui e outra ali e seguia para seus afazeres (ANDRIOLLI, 2011).

As pedras, por outro lado, eram utilizadas por dona Ló com outra intenção e revelavam relações de desafeto inter-humanos e entre humanos e não humanos. Vez ou outra alguns ovos de galinhas sumiam dos ninhos que essas construíam na capoeira ao redor do terreiro. Dona Ló suspeitava que havia alguma raposa rondando o terreiro. Atenta, observou que, além de não haver rastros de raposa, uma coruja passou a morar no oco na piúna. Observou a nova vizinhança durante alguns dias, não demorando muito para flagrar a coruja bebendo os ovos. Dona Ló esperou a coruja adentrar o oco da piúna e colocou uma pedra na porta da casa da sua vizinha, trancando-a. Ao passar dos dias, o vaqueiro Samu percebeu o que a esposa tinha feito e foi tirar satisfação. A esposa explicou que a coruja estava acabando com os ovos de suas galinhas, por conseguinte, com a renda que com eles dona Ló ganharia. Samu, indignado, destrancou a coruja e afirmou para a esposa que todos devem viver libertos para caçar o de-comer.

PARA ONDE VOCÊ ACHA QUE VAI?

Numa tarde quente em Urucua, Belchior¹² conduzia sua carroça de boi numa viagem de trabalho. O pequeno agricultor e criador de gado de corte voltava da casa de um dos seus compadres, para quem havia levado cerca de duzentas peças de tijolos que seriam utilizadas na construção de um banheiro. Estávamos, então, a poucos quilômetros da residência do condutor. E ele parecia ter pressa em chegar. Os bois “empareados” que tracionavam o veículo se chamavam Rádio e Relógio. Ambos eram novos e também “novatos” na função de puxar carros. Por isso, dizia Belchior, eles se mostravam arredios e muitas vezes indisciplinados para

¹² Esclarecemos que optamos por definir, em alguns momentos neste texto, nomes fictícios aos nossos interlocutores como forma de preservá-los.

o trabalho. Rádio, destacava, era o mais forte e preparado para o “serviço”, embora também fosse indócil e difícil de ser comandado. “Esse é prosa-ruim demais”, afirmava, querendo dizer com isso que o animal gostava de desafiar seu dono e desobedecer suas ordens. Relógio, por sua vez, era mais fácil de lidar e obediente, não obstante demonstrar diversas vezes certa preguiça durante as empreitadas, desacelerando o passo de tempos em tempos ou parando quando o carro estava muito carregado. “Esse boi não gosta do pesado, não. Quer nada com a dureza, não”, dizia Belchior de forma indignada.

Desde que saímos da casa do compadre de Belchior, a viagem sobre a carroça de boi era pontuada pelo som intermitente dos gritos e imprecações proferidas pelo condutor: “Ê, Relógio, não anda, bicho? Quer correr, não, bicho? Ê!”. A expressão verbal era ameaçadora. O ferrão de condução, uma grande vara com um pequeno prego colocado na ponta, também era diversas vezes acionado. Belchior espetava. Linhas de sangue escorriam do lombo dos bois carreiros. Na lida dos carros, bons animais são aqueles que obedecem aos comandos verbais do condutor: para virar à esquerda ou direita, acelerar ou diminuir a marcha, parar ou iniciar um movimento. No entanto, quando eles se mostram difíceis ou arredios, falas e gestos violentos, como gritos ou espetadas, precisam ser postos em operação. No caso de bois aprendizes, como eram definidos Rádio e Relógio, o caráter agonístico da relação se tornava quase obrigatório. “Bater”, “espetar” e “gritar” emergiam como formas legitimadas de se “ensinar” os animais para o trabalho.

Num determinado momento da viagem, aconteceu: Rádio, que ficava no lado esquerdo da junta de bois, teimava em seguir em direção para o centro da rodagem¹³. O movimento, de certa forma arriscado afinal carros e caminhões também circulavam por ali, foi entendido pelo condutor como um desafio ao seu comando. Ao gritar, bater com a vara e ferrar para que o animal permanecesse no canto direito da pista, o carreiro teve seu rompante quando um caminhão carregado de carvão passou perigosamente ao nosso lado. Belchior saltou do carro e buscando

uma pedra na beira do caminho atirou-a sobre a cabeça do animal, que assustado e dolorido, recuou e parou. Rádio ainda tentou esboçar um revide, mas outra pedrada, ainda mais violenta, seguida pelo grito alto e grosso do nosso condutor foi o bastante para que ele desistisse de reagir.

Em Urucuaia e Chapada Gaúcha, é costume se dizer que bons condutores não devem fazer uso desnecessário da violência no trato com os bois de tração. A fala, que é quase uma regra, revela a predileção por certo modo específico de se relacionar com os animais, que mais do que subjugados pelos humanos, devem ser tratados como seus “companheiros” de trabalho. O correto, diz-se, é que os bichos nutram, através da convivência diária, “respeito” pela voz suave de seus donos e/ou condutores. O trato afável e respeitoso com os animais também revelaria, por outro lado, a destreza do carreiro, não só responsável por ensinar os bichos na lida cotidiana dos carros, como por conduzi-los corretamente. Para amansar bois para serem carreiros, por exemplo, escolhe-se quaisquer bezerros de mesmo tamanho, não necessariamente irmãos. — “Qualquer bezerro e mansa. Trela eles [amarra-os por uma corda], eles vão andando, andando, quando eles estiverem andando desobrigados, daí põe a canga. Daí põe eles para arrastar pau, outra hora já põe logo no carro. Tem um boi velho na guia para eles não dispararem. Depois... tem que ter paciência de não correr”, afirmava Samu (ANDRIOLLI, 2011, p. 149).

Belchior, certamente por causa de seu rompante, era considerado mal condutor por outros condutores, como deixou claro seu filho, quando afirmou que seu pai “não sabia mexer com carro de boi, não. Ele batia muito nos bichos”. No entanto, tão logo o carro iniciou novamente seu movimento, o fato do boi chamado Rádio finalmente começar a demonstrar obediência aos comandos do carreiro foi a comprovação, na prática, de que a pedagogia da violência também tem sua eficácia. “É um bicho bruto”, dizia o carreiro, “se não fizer essas coisas, ele não aprende”. Outro viajante concordava com o condutor: “se não bater, o bicho não acerta andar do jeito que a gente quer”. Rádio parecia ser um

¹³ Rodagem é como os habitantes da região norte e noroeste de Minas Gerais nomeiam as estradas de terra.

animal talhado para a lida dos carros, mas, antes, teria que “aprender a obedecer”, como esclareceu Belchior.

O caso narrado também destaca uma dimensão importante da noção mexer com criação. Além de significar as técnicas necessárias para garantir o crescimento do animal, proteção contra predadores e doenças – formas específicas de relacionamento intra-humano e entre humanos e bichos – a noção mexer com criação também evoca certo modo de tratar os animais em termos de circulação ou movimentação. Trata-se, aqui, de saber como e de que maneira controla-se o deslocamento dos bichos. Os bois, assim como galinhas, porcos, cães, gatos, cavalos etc., são sujeitos ativos dos seus movimentos. Os deslocamentos, no entanto, podem ser prejudiciais à vida e aos interesses dos humanos. Uma ética apreciada pelos moradores de Urucuia, por exemplo, indica que um cachorro que avance indiscriminadamente sobre pessoas que passam pela estrada (pior se forem vizinhos), precisa ser sacrificado. Numa conversa com um pequeno produtor urucuiano, o pesquisador ouviu, como outro exemplo, que a opção por criar porcos em chiqueiros – prática recente em Urucuia – se devia ao fato dos bichos invadirem a pequena horta do seu vizinho. “O bicho é atentado. Ele acabava com tudo”. No mesmo sentido, o técnico do escritório local da EMATER¹⁴ dizia que a criação de cabras e bodes declinara na região pela mesma razão. Os animais viviam invadindo roças de outras pessoas.

Não se trata, no entanto, simplesmente de cercar o movimento dos bichos. O deslocamento dos animais pode ser importante para garantir a segurança das pessoas nas casas ou no mato, o sucesso numa caçada ou no trabalho com outras criações. A circulação das criações por áreas ocupadas por gente também pode implicar a produção de relações intra-humanas de confiança. Um papagaio urucuiano, por exemplo, voava quilômetros para visitar propriedades outras da do seu dono. Nos lugares em que chegava, era recebido com festa e cuidado. Nas hospedagens provisórias, os humanos que o recebiam sabiam de sua procedência, isto é, de

onde vinha, qual era o nome de seu dono e quais eram seus hábitos. Receber bem a ave não era apenas um gesto que se fazia ao animal, mas ao dono, a quem todos deviam respeito. O papagaio era, como parecem ser outros bichos de criação, extensões não-humanas dos seus proprietários (Pereira, 2015). Num outro sentido, dois casais vizinhos acabaram se tornando ainda mais próximos quando perceberam que a gata criada por um deles também vivia na casa do outro. Ambos os casais brincavam que o gato “morava” nas duas casas. Ali, a domesticação não significava imobilizar o animal, mas sim disciplinar seus movimentos, cuidar das maneiras pelas quais ele anda, por onde e quando.

CONFIAR, DOMINAR

Jorge Luan Teixeira (s/d), numa pesquisa junto a camponeses do sertão cearense, argumenta que uma das maneiras de se definir a animalidade na região é fazer uso da noção de bruto ou bicho bruto. O bicho bruto evoca o ser a quem escapa a posse do entendimento, o conhecimento e respeito a certos códigos morais e sociais, além de certa etiqueta no trato com os outros. Nesse sentido, os animais são aqueles que não se submetem – por sua própria natureza - de bom grado às regras da sociabilidade humana. No entanto, em Urucuia e Chapada Gaúcha, ao contrário do que parece ser a regra no Ceará, há brutos e brutos. A domesticação de animais de criação sustenta-se na ideia de que há alguns bichos capazes de terem algum entendimento para conviver com os humanos. O trabalho junto aos seres não humanos do mundo rural da região depende do pressuposto de que os brutos nunca são seres passivos. A qualquer momento eles podem escapar ao controle dos humanos. A criação tem como contraponto necessário a renaturalização, como é o caso, por exemplo, do gado criado na solta, que se torna, se não retornar ao curral ou mangueira de tempos em tempos, em marruá. Como entende qualquer produtor da região, um animal qualquer pode se insurgir para revelar sua aversão ao convívio com os humanos.

Numa ocasião, um pequeno criador de gado de Urucuia contava que um dos seus vizinhos deixou uma mula velha e já doente para morrer

¹⁴ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

no seu pasto. “Era para eu cuidar”, dizia. A situação, no entanto, não era confortável para ele. “Falei que o animal dele tava morrendo, que ele tinha que vir zelar dele”. A resposta do seu vizinho não podia ser pior: “Não precisa cuidar dela não. Deixa ela lá. Já vai morrer mesmo”. O pequeno criador de gado dizia que “isso não se faz”. A mula tinha “servido” ao seu dono quando nova e com saúde. Próxima da morte, ela precisaria ser tratada com alguma consideração. “É que nem com os pais da gente. Eles criam a gente, dá de-comer, educação. E na hora que fica velho a gente joga fora?”.

Carmen Andriolli (2011) já havia notado que a ideia de mexer com criação, mais do que evocar relações puramente econômicas, implica alguma noção de reciprocidade nos relacionamentos estabelecidos entre animais humanos e não humanos em Chapada Gaúcha. Nesse sentido, bichos domesticados tendem a ser vistos pelos humanos como sujeitos individualizados. Em determinados contextos, claro, eles são considerados simples objetos de posse do seu dono; podem ser vendidos, trocados, mortos e comidos. No entanto, com bastante frequência, os animais também podem ser classificados como seres engajados em relações de troca com os seus proprietários. Nas palavras de Brandão, fazendo referência a outro contexto etnográfico, tais animais seriam “Seres de algum modo tornados, então, subjetivamente e actancialmente, sujeitos de trocas, co-autores, autores de relações. De relacionamentos que encontrei carregados de significados, de sentidos e de sensibilidades” (1999: 162).

Integrados à vida social das famílias, os animais são alvos diferenciados de afetos. Os seres humanos podem se relacionar com eles por meio de uma série de categorias que evocam

“amor” e “estima” (“esse cavalo é de estimação”), “dó” e “pena”, passando pela “raiva” e “inimizade”. Marshall Sahlins (1974) defende que a circulação de bens (materiais ou não) em sociedades ditas “primitivas” ou “tradicionais” tem como uma de suas características centrais revelar momentos de relações sociais contínuas. O fluxo de bens é sempre constringido por uma etiqueta (ele é, de certa forma, obrigatório). No entanto, as conexões entre a circulação de dádivas e as relações podem ser recíprocas. Se um vínculo pode obrigar (forçar) um dado movimento de bens, uma transação específica pode igualmente criar uma nova relação social: “Si los amigos hacen regalos”, escreve o autor, “son los regalos quienes hacen amigos” (SAHLINS, 1974: 204). O caráter dinâmico da reciprocidade implica o reconhecimento de uma diversidade de modelos de trocas, que incluem desde as prestações desinteressadas até as “trocas negativas”, baseadas na vingança ou no roubo. Um intercâmbio, na verdade, surge no interior de toda uma classe de intercâmbios, um verdadeiro contínuo de formas¹⁵.

A distância entre os polos de reciprocidade é ao mesmo tempo uma distância social e espacial. Em Urucuia, Pereira (2011) faz uso de tais noções para interpretar as formas de trocas inscritas no interior dos processos de produção das festas de folia. Lá, dizia o autor, há um eixo que separa pessoas próximas e distantes do mundo das residências, articulando esferas de troca puramente econômicas de trocas de dons, dos lugares da consideração ou dos tratos individualizados, além, claro, das ideias de confiança e desconfiança (PEREIRA, 2011).

Propõe-se, aqui, portanto, estender essa interpretação às relações entre seres humanos e bichos. No caso das criações, o modelo parece

¹⁵ Escreve Sahlins: “Según esta perspectiva, los grupos residenciales de parentesco comprenden las esferas de coparticipación social en continuo crecimiento: la unidad doméstica, el linaje local, tal vez la aldea, la subtribu, la tribu, las otras tribus, por supuesto el plan particular varía según las circunstancias. La estructura es una jerarquía de niveles de integración, pero desde adentro y sobre el terreno es una serie de círculos concéntricos. Las relaciones sociales de cada círculo tienen una cualidad específica — relaciones familiares, relaciones de linaje, etc.— y a menos que las divisiones sectoriales sean intersectadas por otras organizaciones de solidaridad de parentescos personales — las relaciones dentro de cada esfera son más solidarias que las relaciones del sector próximo más inclusivo. Por tanto, la reciprocidad se inclina hacia el equilibrio o el subterfugio en proporción con la distancia sectorial. En cada sector predominan ciertos modos de reciprocidad que son característicos. Las modalidades generalizadas predominan en las esferas más estrechas y actúan en esferas más amplias, la reciprocidad equilibrada es característica de los sectores intermedios y el subterfugio de las esferas más periféricas. En resumen, es posible desarrollar un modelo general de la intervención de la reciprocidad superponiendo al continuo de reciprocidad el plan sectorial de la sociedad” (1974, p. 216-217).

oferecer um entendimento das diversas formas possíveis em que são instituídas as relações entre humanos e animais não humanos (selvagens e domésticos). Enquanto os valores da confiança e do companheirismo se associam ao mundo mais próximo da casa, as desconfianças estão associadas aos animais localizados fora do espaço doméstico ou em seus limites. O cavalo, por exemplo, é amigo e, como se supõe, possui a qualidade de confiável. Lança um coice no estranho quando seu dono afirma que aquele que se aproxima é inimigo, como aconteceu com o vaqueiro Samu. A onça e o queixada, por sua vez, possuem características próprias daqueles que devemos desconfiar. São traiçoeiras. Atacam pelas costas. Nesses casos, o vaqueiro foi salvo por aqueles que lhe conferiam confiança e, portanto, considerados amigos: o boi marruá, no caso da onça, e a cachorra Preta, no caso dos queixadas (ANDRIOLLI, 2011). Trata-se, nesse sentido, de entendermos que a classificação dos seres não humanos em relação aos espaços está intimamente relacionada aos intercâmbios estabelecidos entre eles e os humanos. A expressão mexer com criação evoca certo grau de responsabilidade recíproca pelo bem-estar fisiológico, psicológico, social e moral dos bichos e dos humanos. Em troca, ela exige respeito e consideração dos animais em relação aos seus donos.

A rigor, os animais domésticos são aqueles em que, ao contrário dos seres selvagens, os humanos são capazes de depositar confiança e crédito, elementos essenciais da dádiva (Mauss, 2003). Os graus de intercâmbio inter-específicos podem variar. Os cavalos são mais confiáveis do que os bois carreiros, os bois carreiros mais do que os bois de corte, os papagaios mais do que os cães, os cães mais do que os gatos, os gatos mais do que as aves de quintal. Num sentido oposto, os animais selvagens seriam naturalmente alvos da desconfiança dos humanos, ao estarem referenciados ao mundo exterior da residência e por não cederem à domesticação. Uma onça pode predar o gado de um produtor, uma cobra pode picar, à traição, o lavrador numa roça, as raposas podem roubar as galinhas de um terreiro e as capivaras costumam destruir as plantações de arroz. Num plano análogo, os animais domésticos de outros criadores costumam ser entendidos a

meio termo entre estes termos: estranhos, de um lado, e ameaçadores, de outro, a confiança que se deposita sobre eles está relacionada à confiança que deposita sobre seus donos.

Sujeito

(+)	Confiança	+	(-)	Desconfiança
	(doméstico)			(selvagem)
				Objeto

Não se trata, no entanto, de considerarmos uma oposição estanque entre estes polos de classificação. Os animais, eles mesmos, podem ser transportados de uma ponta a outra, em qualquer um dos eixos. Numa tarde de dezembro, em Urucuia, Maria contava um “causo” de tempos atrás. Durante dias, ela se viu diante do roubo sistemático das galinhas de seu quintal. Uma, cinco, mais de vinte aves foram mortas e devoradas por um predador até então desconhecido. As suspeitas recaíram nos animais de sempre: raposas, em primeiro lugar, gambás, em segundo. Até o cachorro do vizinho, que não se cansava de invadir a propriedade para latir para sua família, não foi esquecido. Nenhuma das suas conjecturas, contudo, parecia ser correta. As galinhas, nesse meio tempo, continuavam sumindo. “Prejuízo”, dizia. Numa noite, Maria armou uma tocaia. Atenta a qualquer ruído que vinha do galinheiro, ela ouviu um barulho surdo. Rapidamente, dirigiu-se ao local. Com uma lanterna, vasculhando cada canto do espaço, a criadora viu sua gata, Catarina, escondida sob a “cama” das galinhas. A “raiva” lhe subiu à cabeça. Com um pedaço de pau, acertou a gata que voou longe e fugiu. Dias depois, para consumir sua “vingança”, a mulher matou Catarina envenenada com “chumbinho”. Dizia: “Eu perguntava pra ela: ‘Catarina, você tá roubando minhas galinhas?’. E a marvada dizia: ‘Nããããoooo!’” [imitando o miado da gata].

A desconfiança não se refere apenas aos casos de roubo. Os animais podem se opor aos humanos ao reagir aos seus mandos com teimosia ou violência. Segundo observou Andriolli (2011), entre seus interlocutores na Chapada Gaúcha, se o animal não humano de criação torna-se valente – ou seja, torna-se agressivo com seus donos – a

solução é gastar, isto é, matá-lo para vender ou comer. A hierarquia entre humanos e bichos é evidente. O humano é antes de tudo o dono do seu animal não humano. Diante de um dos seus bichos de criação, que se acostumou a avançar nos seus donos, o vaqueiro Samu dizia: “Vou gastar [matar para comer] o bode! (...) Ló foi prender e ele deu uma cabeçada no estômago dela. Está muito valente!”. Seus parentes concordaram: “Criação não pode enfrentar a gente! Quando enfrenta, melhor gastar” (ANDRIOLLI, 2011: 119). Em Urucuia, não era diferente. O vaqueiro Ivan, que enfrentava problemas com uma das cabeças de seu rebanho bovino que teimava em tentar escapar do pasto fechado, não cansava de dizer para o animal: “vou matar você pra fazer a festa de Santos Reis, você vai ver!”

Os animais de criação de Urucuia e Chapada Gaúcha parecem circular constantemente entre duas formas complementares de relacionamento com os seres humanos. Num eixo, os bichos são posicionados no interior de uma grande série classificatória estruturada por meio das noções de confiança e desconfiança. Da mesma forma que os humanos confiam ou desconfiam dos seus animais, estes também podem confiar ou desconfiar dos seus donos. Num outro eixo, que poderíamos entender como o da dominação, os bichos domésticos também podem se deslocar entre os polos do sujeito e do objeto. A autonomia dos animais lhes é, no entanto, momentaneamente negada, na medida em que possuem um dono que, por direito, foi o responsável por sua domesticação¹⁶. Há, efetivamente, uma ambiguidade nos modos pelos quais constituem-se as relações entre humanos e não humanos domesticados. Os animais são entendidos como seres dotados de individualidade e subjetividade, sendo capazes

de se engajarem em relações de reciprocidade junto aos humanos. No entanto, eles também são sujeitos dos caprichos humanos, objetos de negócio, podendo ser vendidos e mortos para a satisfação das necessidades do seu dono.

A ambiguidade é expressada no modo pelo qual a circulação dos animais é entendida pelos seres humanos. O deslocamento dos bichos precisa ser controlado de acordo com certos pressupostos, limites e fronteiras conceituais e espaciais. Os animais, entretanto, teimam em desafiar a disciplina. A ideia de bicho bruto parece colocá-lo, do ponto de vista dos criadores, ao mesmo tempo como matéria-prima do trabalho humano e um oponente. O entendimento do bicho de criação, isto é, sua capacidade de discernir o seu lugar (espacial e social) e agir de acordo com ele em relação aos humanos, deve ser resultado de um processo pedagógico contínuo. O bicho precisa sempre aprender a obedecer. Do contrário, ele pode sempre se voltar contra seus donos.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLLI, Carmen Silvia. Sob as vestes de Sertão Veredas, o Gerais. ‘Mexer com criação’ no Sertão do IBAMA. 2011. Doutorado, PPGCS, IFCH, UNICAMP, Campinas/SP, 2011.

_____. Sob as vestes de sertão veredas, o gerais. A resistência cotidiana no sertão do Ibama. *Mana*, v.20, p.221 - 247, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Relógio d’Água Editoria Ltda, Lisboa, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Partilha da

¹⁶ Tim Ingold argumenta que as relações entre animais humanos e não humanos no universo dos criadores é marcado pelo signo da “dominação” (2000). Como os caçadores, os criadores igualmente dependem dos animais para viver. Além disso, seus relacionamentos com os bichos seriam marcados pela atenção e consideração benevolente. No entanto, o cuidado para com os animais é exercitado de um modo bem diferente do que no mundo dos caçadores. Neste, os bichos também podem tomar conta dos seres humanos, a ponto de sacrificarem suas vidas pelo bem-estar dos humanos. No limite, entretanto, os animais selvagens sempre mantêm o controle absoluto de suas vidas. No mundo dos criadores, pelo contrário, supõe-se que os animais renunciam a sua autonomia em favor dos seres humanos. Trata-se, sobretudo, de observar duas formas distintas de relação. Escreve Ingold: “*It is the herdsman who takes life-or-death decisions concerning what are now ‘his’ animals, and who controls every other aspect of this welfare, acting as he does as both protector, guardian and executioner. He sacrifices them; they do not sacrifice themselves to him. They are cared for, but they are not themselves empowered to care. Like dependants in the household of a patriarch, their status in that rural minors, subject to the authority of their human master. In short, the relationship of pastoral care, quite unlike that of the hunter towards animals, is founded in a principle not of trust but of domination*” (2000, p. 72).

Vida. Geic/Cabral Editora, São Paulo, 1995.

_____. O Afeto da Terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Editora da Unicamp, Campinas, 1999.

HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: dogs, peoples, and significant otherness*. Prickly Paradigm Press, 2003.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Routledge, New York, 2000.

INGUEIROS, Edilberto. *A língua e o folclore da Bacia do São Francisco*. Companhia de Defesa do Folclore, Rio de Janeiro, 1976.

PEREIRA, Luzimar Paulo. O movimento dos bichos: notas etnográficas sobre animais, seres humanos e espaços em Urucuaia, MG. *Ruris*, volume 9, número 1, 2015, 63-84.

_____. *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre folias em Urucuaia, MG*. Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2011.

SAHLINS, Marshall. *Economía de la Edad de Piedra*. Akal Editores, Barcelona, 1974.

TEIXEIRA, Jorge Luan. *Notas sobre o estatuto ambíguo dos cachorros no sertão cearense*. Comunicação pessoal, s/d